

“SE VOCÊ PEGAR NO MEU PERU DE NOVO, EU VOU LHE DAR UM SOCO NA CARA!”: MORAL, VERDADE E ÉTICA NAS CONSTRUÇÕES DAS HOMOSSEXUALIDADES MASCULINAS NO CONTEXTO ESCOLAR.

Autor (1) Danilo Araujo de Oliveira; Co-autor (1) Anderson Ferrari

(1) PPGED-UFS, danilodinamarques@hotmail.com; (2) PPGE-UFJF aferrari13@globocom

Resumo

Nesse trabalho propomos pensar a ação das escolas e o que acontece no seu interior como vinculados a modos de subjetivação, ou seja, na transformação dos indivíduos em sujeitos. Especificamente estamos interessados nas constituições dos sujeitos homossexuais no espaço escolar. Este texto que é parte de uma pesquisa mais abrangente, realizada entre 2015-2016, em uma escola pública de Aracaju/SE, que tinha como objetivo principal analisar os funcionamentos e as atuações das normas de gênero e os discursos heteronormativos na escola. Para isso foi tomado como procedimento investigativo o trabalho com entrevistas abertas. Estabelecemos aqui um recorte a partir de uma história narrada na pesquisa e que tem como foco as relações de confronto e negociação envolvendo um aluno assumidamente homossexual e sua turma de escola. Mais do que isso queremos tomar a ação da professora, com suas dúvidas, inquietações, surpresas e responsabilidades a partir do encontro com o ocorrido na escola e seus desdobramentos. Estavam em jogo a relação do que pode e o que não pode, o domínio e pertença do corpo, os juízos de valor em torno das sexualidades, as relações entre os saberes escolares, familiares e religiosos, que serão tomados como pontos de análise a partir da relação entre moral, verdade e ética nos modos de subjetivação.

Palavras-chave: Moral, Verdade, Ética, Homossexualidades Masculinas, Escola.

Introdução

Os estudos envolvendo as construções das homossexualidades masculinas no contexto escolar vem ganhando espaço nos meios acadêmicos desde a década de 90 do século XX. Trabalhos como de Ferrari (1997, 2015), Caetano (2016) e Rodrigues (2016) vêm demonstrando que a escola é um espaço de negociação, confronto e construção das homossexualidades masculinas sempre em relação aos discursos de gênero, visto que há um certo embaralhamento entre gênero e sexualidade no Brasil. Embora tenhamos um número considerável de trabalhos tomando essas articulações entre homossexualidades e escolas como foco, percebemos que as discussões teóricas não esgotam e tampouco são suficientes para dar conta de toda realidade escolar, visto que o grande desafio das pesquisas no campo da educação parece ser trabalhar com a complexidade do espaço escolar como educativo para além da relação ensino-aprendizagem, mas como diretamente ligado aos modos de subjetivação.

Os modos de subjetivação, segundo Michel Foucault (1988), são as maneiras como nos constituímos e que podem ser traduzidos na questão de investigação: como nos tornamos o que somos? Na perspectiva foucaultiana, com a qual trabalhamos, nos tornamos o que somos a partir

das nossas relações com o saber, com o poder e com a ação dos outros sobre nós e nossas sobre nós mesmos.

Neste sentido, queremos pensar a ação das escolas e o que acontece no seu interior como vinculada a esses modos de subjetivação, ou seja, diretamente implicada na transformação dos indivíduos em sujeitos. Especificamente estamos interessados nas constituições dos sujeitos homossexuais no espaço escolar. Segundo Foucault (1988) as homossexualidades são invenções discursivas originárias do século XIX e que vem sofrendo a ação de variadas instituições em momentos históricos distintos, de maneira que estamos lidando com o entendimento de homossexualidade como resultado de disputas discursivas, atravessadas por relações de saber-poder, que organizam os sujeitos, tanto os que são classificados como homossexuais quanto os que classificam. Não são essências e tampouco naturais, o que nos impossibilita falar de homossexualidade no singular, nos obrigando a pensa-las sempre na pluralidade de experiências que ligam os sujeitos as homossexualidades.

Não é por acaso que podemos dizer que as famílias têm discursos sobre as homossexualidades, as mídias também constroem os seus saberes e discursos, as igrejas estão interessadas nestas disputas, enfim, existem diferentes saberes-poderes em torno das homossexualidades masculinas, que nos impõem a necessidade de problematizar essas disputas, sobretudo se tomarmos o espaço escolar como local em que muitas vezes esses discursos se encontram e se confrontam, exigindo dos seus agentes uma postura condizente com o que cabe a instituição escolar. A escola não é o lugar do senso comum. Muito pelo contrário, ela é o lugar, por excelência, de combate ao senso comum, de maneira que é função dela é problematizar o conhecimento, assumindo uma postura investigativa aos moldes de Marshall (2008), tomando o seu fazer como o espaço da problematização.

Problematizar é colocar sob suspeita o que sabemos e como agimos. Essa parece ser a função da escola diante do que os alunos trazem para dentro da escola a partir dos saberes do senso comum. No caso das homossexualidades, isso vem se mostrando potente visto que em muitas ocasiões são os alunos que iniciam a discussão a respeito das homossexualidades trazendo para o diálogo aquilo que chamamos de realidade. Neste sentido, problematizar estaria na ação de duvidar do que sei: porque penso o que penso? Que saberes organizam minha maneira de agir e de estar no mundo? Problematizar também é entendida como uma nova forma de fazer pesquisa no campo da educação, visto que ela nos convida a dar um passo a atrás para transformar em “problema” algo que não nos chama atenção. A escrita deste texto está ancorada nesta perspectiva, se traduzindo

num convite ao leitor a partir da problematização de um fato ocorrido numa escola pública de Sergipe, no segundo segmento do Ensino Fundamental.

Em função dessas questões preliminares, apresentamos este texto que é parte de uma pesquisa mais abrangente, realizada entre 2015-2016, em uma escola pública de Aracaju/SE, que tinha como objetivo principal analisar os funcionamentos e as atuações das normas de gênero e os discursos heteronormativos na escola. Para isso foi tomado como procedimento investigativo o trabalho com entrevistas abertas com 18 professores e professoras, 3 coordenadoras e 1 diretora. Podemos dizer com base nas entrevistas que o gênero é um organizador social e está presente no currículo da escola como demanda educativa. No entanto, para este texto estabelecemos um recorte a partir de uma história narrada na pesquisa e que tem como foco as relações de confronto e negociação envolvendo um aluno assumidamente homossexual e sua turma de escola. Mais do que isso queremos tomar a ação da professora, com suas dúvidas, inquietações, surpresas e responsabilidades a partir do encontro com o ocorrido na escola e seus desdobramentos. Estavam em jogo a relação do que pode e o que não pode, o domínio e pertença do corpo, os juízos de valor em torno das sexualidades, as relações entre os saberes escolares, familiares e religiosos, que serão tomados como pontos de análise.

Essas são as questões de fundo que organizam este texto considerando um acontecimento ocorrido na escola em que estávamos investigando. A partir dos discursos de homossexualidades masculinas e da relação de existência dos sujeitos em torno dos saberes-poderes, queremos tomar três aspectos como importantes: a constituição de uma moral, a busca da verdade e um terceiro aspecto para análise, que diz dos outros dois anteriores, o entendimento da Moral e a busca da Verdade vinculados com a ética.

CASO DO ALUNO GAY QUE FOI EXPULSO

Aqui na escola, por exemplo, teve um dia que eu estava entrando em uma sala de aula, (...) tinha um aluno falando pro outro o seguinte:

“Se você pegar no meu peru de novo, eu vou lhe dar um soco na cara!”

Foi essa frase que eu ouvi, dentro de uma escola... O que é que você faz? Você fala assim: *“Vamos parar com isso que eu cheguei”*. É assim que você resolve?

Você tem que ter minimamente, uma sensibilidade para lidar com a história. Não é na base da repressão, eu sou autoridade, vamos calar a boca que eu cheguei e não me interessa qual é o problema. Entendeu? (...)

Então vamos com calma, cheguei na sala devagar... Meninos bom dia, que é que foi? Vem cá você. Que é que tá acontecendo?

“Há professora ele pegou no meu pinto (risos)!”

Eu disse pera aí, pera aí, vamos ter calma, chamei o outro menino que estava entre aspas “acusado” de pegar no pinto do outro, que é que tá acontecendo? Me diga aí o que é que foi?

Aí ele disse: *“Peguei mesmo e pego.”*

Aí a gente vai precisar conversar. A turma num tumulto danado, porque na hora que ele disse “*peguei mesmo e pego*”, mais alguns também disseram que iria dar muita porrada nele porque me parece que não era o primeiro “peru” que o menino pegava na sala de aula.

Então eu para tentar acalmar a turma e poder conversar eu pedi que o menino que estava sendo acusado fosse beber água, se acalmar um pouco, que eu já ia conversar com ele.

Fui tentar entender, tentar conversar. Pedi para falar aquele que tinha falado que ia bater. Ele explicou que estava se sentindo agredido fisicamente porque o menino pegava nos genitais, simplesmente se aproximava e pegava nos genitais (...) Aí os outros se manifestaram dizendo que não era o primeiro caso. (...) Aí pedi que, por favor, que eles levantassem a mão quem já tinha sido abordado pelo menino.

Para minha surpresa mais de 15 alunos levantaram a mão. Todos meninos. E aí perguntei se as meninas tinham alguma coisa a falar. E para minha surpresa outras tantas meninas levantaram a mão dizendo que ele também fazia a mesma coisa com elas e que o contato era sempre de uma forma agressiva e sempre nos genitais. Aí, eu também disse e vocês fazem o que?

“Há professora, a gente briga, a gente fala mas não adianta, vou chamar, meu pai aqui...”

Começou aquela confusão... A gente vai ter muito o que conversar, a gente não vai esgotar esse assunto agora, mas eu queria que vocês dissessem o que é que vocês acham disso tudo... Aí eles foram falando, foram falando... uns disseram que achavam que era pecado, outros disseram que era caso de polícia, outros disseram que era falta de educação de pai e mãe, que isso é falta de família, então eu tive opinião das mais variadas.

E, não disse que ninguém estava certo ou errado, porque não cabia a mim naquele momento fazer juízo de valores, mas tinha uma coisa que eu achava que era importante ser colocada: que o corpo da gente não pode ser invadido. Para alguém tocar no corpo da gente, a gente tem que dar uma autorização, seja através de um sorriso, através de uma confirmação verbal, seja através a partir de algum incentivo. E perguntei se de alguma forma esse tipo de autorização tinha sido dado para o aluno que estava sendo chamado de agressor. Por unanimidade nenhum deles disse que tinha dado nenhum tipo de permissão direta ou indireta pra que ele se sentisse no direito de tocá-los.

Aí pedi que eles me aguardassem um pouquinho, é claro que não havia clima para dar aula. Aí pedi licença a eles que tinha conversar com o colega. O menino estava muito nervoso, mas ao mesmo tempo muito agressivo. Se recusava a entender que tinha sido extremamente agressivo e que não tinha sido só uma vez. Alegou que os meninos gostavam, no que eu rebati que ele precisava interpretar isso de uma outra forma e rever a interpretação dele porque por unanimidade ninguém disse que gostava, no que ele me disse que era fingimento. (...)o depoimento dos outros não estava de acordo com o que ele estava falando. O que estava me preocupando no momento era essa interpretação que ele tinha de consentimento de toque.

Eu não disse para ele que eu achava que ele estava mentindo para mim, não foi isso que eu falei. O que eu falei foi de alguma maneira, ... que a cabeça dele ou o coração dele ou o que fosse, tinha interpretado como consentimento algo que não foi consentimento. Comecei até a ter uma conversa com ele sobre se ele não compreendia o que era consentir, o que é que ele identificava como não consentimento? O que para ele era um explícito “não”? O que é que ele interpretava como não? Aí eu tive uma resposta surpreendente: o “não” para esse aluno era porrada. Para ele, quando alguém não consentia, deveria bater, xingar ou agredir. Fisicamente ou verbalmente. E aí para usar uma expressão corriqueira, meu mundo desabou mais uma vez né? Porque eu passei a perceber o sofrimento dessa criança, porque é uma criança né? Pois ele não tinha 14 anos completos ainda, homossexual declarado. Mas com a dificuldade imensa de reconhecer um não. Só reconhece um não quando este vinha expresso na porrada.

E isso aí abre um mundo. Então que tipo de experiência essa criança teve pra que um não tivesse que ser colocado de forma agressiva pra ser compreendida? Que tipo? Sabe? É complicado. Aí aos poucos eu fui conversando com ele, conversando como é que era isso em casa, como é que a família iria encarar, porque ele sabia que essa questão ia ter que passar pela coordenação, porque tinha muita gente envolvida e o meu medo é que essas 20 pessoas

acabassem colocando essa questão para os pais e que os pais não dessem nenhum tempo a escola pra compreender o acontecido (...).

Porque essa questão de sexualidade dentro da escola é uma questão muito delicada, sabe? É uma questão que envolve valores né? E valores morais que muitas vezes estão ligados, muitas vezes a valores religiosos, muito extremos, a gente vai tá falando ai de questões que beiram quase ao fanatismo religioso. Então essa noção de que a sexualidade é um pecado e que qualquer pessoa que não se veja como homem ou como mulher de uma maneira muito clara, essa pessoa, essa pessoa é colocada de um desvio sexual de padrão muito forte e consequentemente o pecado sexual é colocado de forma muito mais intensa pra essas crianças que estão em formação.

Isso me preocupou por demais, como é que os colegas iriam colocar essas questões em casa com os pais e como é que a coordenação iria lidar com isso. Por outro lado, como é que a família da criança iria receber a notícia da coordenação que estava sendo convocado porque o filho agrediu sexualmente, porque a partir do momento que ele não tinha autorização para pegar nos órgãos dos colegas como é que a família dessa criança iria ver. Eu comecei a fazer algumas perguntas pra saber que tipo de entre aspas, “retaliação” ele iria sofrer em casa.

A escola chamou a família pra discutir essa questão da invasão do corpo do outro. Da agressão ao corpo alheio. Que era a questão importante que não era a questão de ser ou não ser homossexual que estava sendo colocada aqui em questão porque a escola não, se posicionava de forma preconceituosa em relação a isso. Tá então, inclusive uma criança extremamente inteligente, inteligente mesmo, mas assim, muito sofrida aos 14 anos e com muitos conflitos nessa área da sexualidade. Algum tempo esse mesmo aluno, teve uma outra atitude que acabou provocando a saída dele na escola. Ele foi expulso da escola. Ele, ele... tirou a roupa dentro de sala de aula, ficou totalmente nu. Inclusive a cueca, alias não usava nem cueca, simplesmente abaixou as calças em sala de aula.

Ele tirou. É... não como protesto, que ele poderia tirar a roupa como protesto como algumas pessoas por ai no mundo, tiram a roupa como protesto, mas não foi numa atitude de agressão. A escola não segurou e expulsou.

“A dificuldade imensa de reconhecer um “não””: a constituição de uma moral

Diferentes expressões das homossexualidades tomam conta da escola e colocam em conflito os saberes que estão organizados nesse espaço. Esses saberes em torno de “uma homossexualidade”, não somente podem estar vinculados a ideia de uma sexualidade subalterna, que serve de parâmetro para tornar a heterossexualidade normal, mas também constroem um conhecimento sobre o que é ser homossexual e quais comportamentos são adequados e esperados dos sujeitos que se afirmam como tal.

Desta forma, nossas problematizações partem da constituição de uma Moral em torno dos discursos das sexualidades, principalmente das relações homossexualidades e heterossexualidades (FOUCAULT, 1988). Mais do que moral podemos dizer que a escola está imersa e constrói uma moral. A moral deve ser pensada a partir de dois aspectos. Por um lado, um código moral e, por outro por uma moralidade dos comportamentos. No primeiro, um conjunto de regras e valores propostos aos indivíduos e grupos por aparatos prescritivos, em que a escola através da ação da professora e dos demais colegas é parte desta construção. No segundo, os comportamentos morais

dos indivíduos à medida que se adaptam ou não as regras. É a existência deste conjunto de regras e valores que vai possibilitar o posicionamento dos meninos e das meninas em relação ao aluno homossexual que “insiste” em passar a mão nos órgãos genitais dos colegas. Mas este conjunto de regras dialoga o tempo todo com o que é esperado como o comportamento adequado de alunos nas escolas, o que vai organizar toda ação da professora no processo “educativo” dos sujeitos e suas sexualidades, assumindo o local da escola como uma instituição disciplinar.

Então vamos com calma, cheguei na sala devagar... Meninos bom dia, que é que foi? Vem cá você. Que é que tá acontecendo?

“Há professora ele pegou no meu pinto (risos)!”

Eu disse pera aí, pera aí, vamos ter calma, chamei o outro menino que estava entre aspas “acusado” de pegar no pinto do outro, que é que tá acontecendo? Me diga aí o que é que foi?

Aí ele disse: “Peguei mesmo e pego.”

Aí meu amor, a gente vai precisar conversar, a turma num tumulto danado, porque na hora que ele disse peguei mesmo e pego, mais alguns também disseram que iria dar muita porrada nele porque me parece que não era o primeiro “peru” que o menino pegava na sala de aula.

Podemos perceber um processo de confronto e negociação mediado pela professora, que tenta restaurar a ordem por meio do diálogo com os/as alunos/alunas e o aluno homossexual, este último não intimidado continua enfrentando o posicionamento da professora e um conjunto de regras e valores que organizam aquele espaço. É este conjunto de regras que vai nos permitir classificar a ação do aluno homossexual como “confronto” ou “resistência”. A construção do conhecimento nesse espaço perpassa por códigos morais que justificam que especificamente nesse local tocar, pegar nos órgãos sexuais do outro é algo que não é permitido, algo que pode ser acentuado quando estamos falando de uma experiência envolvendo homossexualidades. Dessa forma, alguns posicionamentos são contestados e corrigidos com o intuito de que a disciplina continue garantindo o funcionamento da “normalidade” nesse local, “a gente precisa conversar” soa como esclarecer, lembrar as regras, ação que é rejeitada pelo aluno. A constituição de uma moral nos espaços se dá sempre nesse processo de negociação, confronto e resistências. Nada garante que ela irá sempre funcionar em harmonia e da mesma forma, e o cotidiano escolar é também marcado por esses embates, o que nos permite também perceber por diferentes ângulos o conhecimento que estamos construindo.

Ainda que a prescrição seja algo que permeia o ambiente escolar como local da disciplina, os escapes trazem à tona questões como a que estamos interessados em discutir aqui, que é a construção das homossexualidades no contexto escolar, o que nos remete também a falar da construção da heterossexualidade, já que a construção das sexualidades se dão em relação umas às

outras. Segundo a professora, a primeira frase que ouviu quando estava entrando na sala foi: “Se você pegar no meu peru de novo, eu vou lhe dar um soco na cara!”. Uma frase que revela um enfrentamento a partir da negação do toque de outro homem, que no senso comum, remete a homossexualidade. Assim, podemos pensar que é uma frase que traz duas construções em relação: a homossexualidade e a heterossexualidade. O aluno que ameaça com “soco na cara” estava agitado com toda situação. Mas também é uma frase e confronto que nos permite questionar se esse seria o mesmo comportamento em um outro espaço, num espaço reservado, longe dos olhares vigilantes, punitivos e corretivos dos demais colegas. Reagir daquela forma também se constitui numa mensagem de negação a homossexualidade e, por consequência de afirmação da sua condição heterossexual. Podemos dizer que foi uma ação de construção da heterossexualidade e manutenção da sala de aula como esse espaço em que a heterossexualidade é tida como norma. Talvez fosse possível pensar um desfecho diferente do encontrado pela professora ao chegar nesse espaço, como a possibilidade de que o toque fosse permitido e vivido como prazer. A construção de uma “heterossexualidade” é perpassada pelas regras e valores que organizam determinados espaços e dizem da construção das homossexualidades que muitas vezes ficam fadadas ao silêncio e/ou a espaços onde não possam ser vistas.

E isso está no posicionamento adotado pelos meninos e pelas meninas da escola, que “acusam” o aluno que não é adaptado as regras ali propostas. Uma reação que nos permite perceber essa “experiência” vivida pelos alunos e alunas e pela professora como sujeitos de uma sexualidade que está em articulação com um sistema de regras, inseridos em uma cultura, envolvendo campos de saber diversos, normas e processos de subjetivação.

Assim as regras que estão organizando esse espaço educativo não devem ser pensadas em separado do contexto cultural, dos campos de saber e logo dos discursos que são considerados como verdadeiros e produzem normas que pretendem alcançar e construir determinados sujeitos. Sujeitos que assumem compromisso com essas regras, mas que também encontram mecanismos de escape, que muitas vezes assustam aqueles que as percebem, obedecem e as interiorizam de forma clara. Conforme podemos perceber no diálogo da professora com o aluno que ao questioná-lo o porquê dele continuar a tocar nos/nas colegas, mesmo eles/elas dizendo um “não” para ele, e o aluno responder que esse “não”, não tinha representatividade o que fazia com que ele continuasse:

Aí eu tive uma resposta surpreendente, o “não” pra esse aluno era porrada. Quando alguém não consentia, batia, xingava ou agredia. Fisicamente ou verbalmente. E aí pra usar uma expressão corriqueira, “meu mundo desabou” mais uma vez né? Porque eu passei a perceber o sofrimento dessa criança, porque é uma criança né? Pois ele não tinha 14 anos completos

ainda, homossexual declarado. Mas com a dificuldade imensa de reconhecer um “não”. Só reconhece um “não” na porrada.

Espera-se que os sujeitos assumam os mesmos posicionamentos, que tenham clareza das regras e estabeleçam o mesmo tipo de relacionamento com elas, sem considerar suas variações. O aluno homossexual estabelece uma outra relação não só com as regras estabelecidas naquele espaço, mas com a construção do que é um “não” na nossa cultura. Há uma margem de variação e alteração com o comportamento dos/das demais alunos/alunas que pode sugerir um outro tipo de intervenção. Não ter essas regras claras e/ou não segui-las pode ser sinônimo de “sofrimento”, uma vez que a escola também tem um sistema de punição para estes “desvios”, como pode ser percebido a partir do posicionamento que a professora assume nesse contexto, como uma imagem de que ela é responsável por manter, negociar e educar a partir dessas regras. Como alguém que influencia a forma dos alunos se conduzirem, se constituírem como sujeito de uma moral, com ações pautadas em elementos prescritivos. A professora ao provocar os/as alunos/as sobre o que eles/elas pensam sobre o assunto, faz com que eles reflitam sobre os valores que circulam na escola:

Começou aquela confusão... Aí eu disse, olha gente, a gente vai ter que muito o que conversar, a gente não vai esgotar esse assunto agora, mas eu queria que vocês dissessem o que é que vocês acham disso tudo... Aí eles foram falando, foram falando... uns disseram que achavam que era pecado, outros disseram que era caso de polícia, outros disseram que era falta de educação de pai e mãe, que isso é falta de família, então eu tive opinião das mais variadas. E, não disse que ninguém estava certo ou errado, porque não cabia a mim naquele momento fazer juízo de valores de como cada um via, mas tinha uma coisa que eu achava que era importante, ser colocada e foi o seguinte, que o corpo da gente não pode ser invadido, pra alguém tocar no corpo da gente, a gente tem que dar uma autorização, seja através de um sorriso, através de uma confirmação verbal, seja através a partir de algum incentivo.

Religião e família são acionados e atravessam a narrativa, que diz da relação da escola com outros discursos que juntos organizam um conjunto de valores e regras que buscam alcançar os indivíduos, principalmente no que se refere às sexualidades, já que elas se constituem em meio a essas normas, proibições e jogos de verdade, os quais discutiremos no próximo tópico.

“Eles tinham informação o suficiente pra julgar”: Busca da Verdade

O segundo aspecto que nos inspira para problematizar o ocorrido na escola no confronto entre o que sabem e como agem os alunos e a professora, é o que Foucault (1988) chama de busca da verdade, ou melhor, o jogo do verdadeiro ou falso. Busca da verdade é fazer funcionar os regimes de verdade, ou seja, os tipos de discursos que cada sociedade acolhe e faz funcionar como

verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros e falsos, a maneira como uns e outros são acionados, as técnicas e procedimentos que são valorizados para obtenção da verdade, o estatuto daqueles que tem o poder de dizer o que funciona como verdadeiro. A ação da professora está organizada por esta busca da verdade do sujeito. A busca da verdade está diretamente ligada a relação com outro. O tempo todo a professora assume este lugar da busca da verdade, como lugar de confissão, de revelação e de averiguação capazes de dizer sobre os sujeitos. Nestes procedimentos, ela e os alunos acionam as famílias como espaço educativo e origem da verdade sobre os sujeitos.

Mas que a gente não podia tratar o colega deles como um criminoso, porque a gente não sabia o que estava acontecendo. Que havia sim um problema e uma questão pra ser conversada, discutida e que essa conversa ia ter que continuar porque algumas outras questões ainda precisavam ser discutidas, mas que a princípio, que eu compreendia que eles estavam se sentindo agredidos e que eles tivessem um pouco de paciência até que a gente pudesse entender, o que é que estava gerando esse tipo de comportamento.

Aí pedi que eles me aguardassem um pouquinho, é claro que não havia clima pra dar aula, conversei sobre a questão de preconceito também, de que eles tomassem cuidado com a maneira que eles fossem comentar o ocorrido, que eles tinham informação o suficiente pra julgar que eles tinham uma forma concreta, que era de ter sido agredido, que eu concordava com ele, minha opinião pessoal, era de que não estava correto, mas que eles tomassem cuidado pra não sair nomeando, nem carimbando a testa de ninguém, sem saber primeiro o que estava acontecendo do outro lado.

A cena traz à tona uma relação entre os jogos de verdade, poder e subjetividade. A constituição dos sujeitos nesse espaço é perpassada pelos saberes que são acionados para justificar, entender e/ou julgar a atitude do colega. Segundo a professora não havia mais “clima para dar aula”, mas essa experiência demonstra uma perspectiva mais abrangente que temos de escola, como lugar do conhecimento produzido para além da relação dos conteúdos programados, ou seja, situações frequentes como essa que refletem nossa forma de ser e estar no mundo.

Ainda que o senso comum organize essa experiência, como podemos perceber na efervescência dos fatos em que os alunos podem pensar na atitude sem querer discutir outras formas de pensamento, apenas nomeando e julgando o colega, a professora sugere um movimento de discussão, de uma relação com o que está posto e naturalizado. Mesmo que o senso comum organize o espaço escolar e sempre surjam em situações como essa, problematizar, olhar de outra forma da que estamos acostumados é uma maneira de estabelecer uma relação diferente com os saberes que acionamos para produzir pensamentos e ações sobre nós mesmos e sobre o outro.

A escola é também um lugar onde buscamos entender sobre as sexualidades, onde diversos discursos se cruzam e disputam espaço no processo de subjetivação. Assim atravessam essa narrativa um saber coletivo (como a turma pensa a atitude do colega), as dúvidas e como cada um se percebe, como a professora se vê no diálogo com esses saberes que se cruzam com as regras estabelecidas nesse espaço, que também diz da relação com a homossexualidade do aluno.

“Porque essa questão de sexualidade dentro da escola, é uma questão muito delicada, sabe? É uma questão que envolve valores né”: Ética

Por último, queremos tomar o terceiro aspecto para análise, que diz dos outros dois anteriores, para dizer que a Moral e a busca da Verdade têm a ver com a ética. Ética é a maneira pela qual cada um constitui a si mesmo como sujeito moral do código. Dado um código de condutas há diferentes maneiras do indivíduo, ao agir, não operar simplesmente como agente, mas sim como sujeito moral dessa ação. Podemos pensar que tanto a professora quanto o aluno homossexual agente da ação são sujeitos de uma moral, que apesar de distintas, se constituem numa forma de agir diante do código. Ao agir sobre o menino a professora vai se constituindo como “professora” na sua ação moral e ética de ensinar, ou o que ela entende como sua ação como professora. Ao mesmo tempo, o menino ao “insistir” em passar a mão nos órgãos genitais dos colegas também coloca em circulação novas formas de ser e estar no mundo, o que entre em choque com o que os demais esperam de um “aluno na escola” e de um “aluno homossexual na escola”, saberes que também dizem de comportamentos éticos.

Aí aos poucos eu fui conversando com ele, conversando como é que era isso em casa, como é que a família iria encarar, porque ele sabia que essa questão ia ter que passar pela coordenação, porque tinha muita gente envolvida e o meu medo é que essas 20 pessoas acabassem colocando essa questão para os pais e que os pais não dessem nenhum tempo a escola para compreender o acontecido para comunicar, antes de chamar o pai de um ou de outro que se sentisse mais ofendido pelos toques. Porque essa questão de sexualidade dentro da escola, é uma questão muito delicada, sabe? É uma questão que envolve valores né? E valores morais que muitas vezes estão ligados, muitas vezes a valores religiosos, muito extremos, a gente vai tá falando aí de questões que beiram quase ao fanatismo religioso.

Os indivíduos que aparecem nessa narrativa estabelecem diferentes formas de aproximação, distanciamento, reafirmação e/ou negação com as regras que circulam na escola. A cena encontrada pela professora na sala de aula e os procedimentos que passam a ser tomados permite evidenciar essas relações dos indivíduos com as regras que são impostas naquele espaço. Considerando a escola como parte de um tipo de sociedade que surgiu na modernidade, Foucault (1988) vai pensar

os processos de estabelecimento das normas, atravessadas com relações de poder. Para o filósofo francês, relações de poder inclui liberdade e resistência. Neste sentido, podemos pensar que as regras nunca terão garantia de sucesso, serão sempre investimentos sobre os sujeitos. Nesse investimento há sempre possibilidades de resistência e de diferentes vinculações com o que está posto, de maneira que o indivíduo estará sempre com a possibilidade de exercer sua liberdade.

Tomando Foucault como inspiração, queremos pensar que o aluno que ameaça agredir o outro que tocava em suas partes íntimas assume uma determinada relação com as regras impostas. Tocar um corpo não é tocar um corpo qualquer, o corpo não é só matéria, ele também é cultura, símbolos. Também temos regras que dizem dessa relação entre permissão e negação do toque no corpo do outro. Essas regras que dizem do toque no corpo também constituem sexualidades. Assim tocar o corpo do gênero distinto me dá um lugar, tanto quanto tocar o corpo do mesmo gênero. O aluno que afirma sua heterossexualidade através da ameaça de agressão, aciona a relação com uma regra que afirma que um homem não pode ser tocado por outro do mesmo sexo da maneira que o aluno assumidamente homossexual estava tocando. Diz também de um aluno que está em um espaço escola, que deve assumir uma postura em que apenas algumas formas de expressão, toques e acesso ao corpo do outro são autorizadas. As alunas que também afirmam que tiveram seus corpos invadidos estabelecem uma relação com essas regras da escola e da sociedade. A professora por sua vez, assume o lugar como aquela que deve intermediar essas relações e legitimar as regras da escola, regras que tem objetivos específicos, regras que estão em circulação no processo de subjetivação nesse espaço. Agir sobre os alunos e alunas é também uma maneira de agir sobre si mesma, ou seja, a professora se constitui como tal a partir de um entendimento de que ser professora é agir sobre a constituição dos alunos e alunas num processo educativo para além da escola. A atitude da professora atua no sentido que as atitudes desse aluno estejam em consonância com o que é esperado dele ali, para que ele se sinta obrigado a colocá-las em ação. O aluno na contramão do que é ali imposto, estabelece outras negociações, outras maneiras de agir diante desses códigos, que não são os que já estão incorporados pelos seus colegas e professora, a ação do menino homossexual faz com que outros processos aconteçam.

Esses processos referem-se da relação da escola com outros discursos que circulam em seu espaço e participam de forma ativa na escolha das regras que são escolhidas. Por isso, há uma preocupação com as famílias dos/das outros/as alunos/as, do discurso religioso.

Essas relações dos indivíduos com as regras, o que Foucault chama de Ética, estão relacionadas a uma moral e a verdade, dizem também de processos de subjetivação. Ao estabelecer

uma outra relação que não é a esperada em um determinado local, esse processo de resistência coloca em suspensão, em questionamento aquilo que está sendo imposto na construção de indivíduos. Esse acontecimento sugere também pensar que ainda que as estratégias de controle sejam exaustivas e insistam em funcionar os confrontos são inerentes nesse processo. O que faz os/as alunos e a professora entrarem no jogo é que eles/as têm uma relação com o que está ali, que nem sempre será a mesma para cada um deles. Mesmo diante dos enfrentamentos dos/as colegas e negociações no diálogo com a professora, o aluno que se reconhece como homossexual prefere adotar outra postura que não é a solicitada pelas regras.

Mais do que isso, o que buscamos com este artigo e com estas problematizações é colocar sob suspeita este espaço de educação que é a escola. Não somente educação formal, mas sobretudo como espaço de educação dos sujeitos e de construção daquilo que vamos entendendo como realidade.

Referências:

CAETANO, Márcio. **Performatividades reguladas:** heteronormatividade, narrativas biográficas e educação. Curitiba: Appris, 2016

FERRARI, Anderson. **O professor frente ao homoerotismo masculino no contexto escolar.** Dissertação de Mestrado em Educação, Juiz de Fora: Programa de Pós graduação em educação, 1997.

_____. “Claro que tenho vontade de saber como é?” – o que faz de um sujeito, homossexual? – experiência homossexual no contexto escolar. In: SEFFNER, Fernando & CAETANO, Márcio (orgs.). **Cenas latino-americanas da diversidade sexual e de gênero: práticas, pedagogias e políticas públicas.** Rio Grande: Ed da FURG, 2015.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I:** a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

MARSHALL, James D. *Michel Foucault: pesquisa educacional como problematização.* In: PETERS, Michael A. & BESLEY, Tina (orgs.) **Por que Foucault?:** novas diretrizes para a pesquisa educacional. Porto Alegre: Artmed, 2008.

RODRIGUES, Alessandro *et all.* *Dosagens do imoral, overdose de bichice.* In: RODRIGUES, Alessandro, MONZELI, Gustavo, FERREIRA, Sérgio Rodrigo da Silva (orgs.). **A política no Corpo:** gêneros e sexualidade em disputa. Vitória: EDUFES, 2016.